

**GUERRILHA DO ARAGUAIA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA A  
PARTIR DA LITERATURA DE TESTEMUNHO**

**GUERRILHA DO ARAGUAIA: A PEDAGOGICAL PROPOSAL BASED  
ON THE LITERATURE OF TESTIMONY**

Érica Jéssica F. C. Guimarães

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar a análise da cartilha produzida pelos pesquisadores que fazem parte do Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins (GESTO) o qual surgiu como uma das ações de extensão da universidade, integrantes do projeto da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX) de língua portuguesa da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). O projeto aborda questões acerca da Guerrilha do Araguaia e os impactos desse conflito na cidade de Xambioá, região norte do Estado do Tocantins. O objetivo é apresentar a importância dessa temática para os habitantes da região de Xambioá – em especial aos alunos do ensino médio da escola pública – valendo-se da literatura de testemunho como um manifesto de resistência e luta contra o apagamento da memória dos sobreviventes dos anos de “chumbo”, e levando em consideração essas memórias, estimularmos à reflexão sobre a história da cidade de Xambioá, promovendo uma percepção quanto ao momento histórico dos anos de Guerrilha do Araguaia, que correspondem à década de 60 e 70 dominados pela violência e silenciamento, bem como resistência por parte dos guerrilheiros e demais povos que lutaram contra o regime ditatorial vigente na época.

**Palavras-Chave:** guerrilha do Araguaia; literatura de testemunho, memórias.

**Abstract:** The present work aims to present the analysis of the booklet produced by the researchers who are part of the Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins (GESTO), which emerged as one of the extension actions of the university, members of the project of the Dean of Extension, Culture and Community Affairs (PROEX) in Portuguese at the Federal University of Northern Tocantins (UFNT). The project addresses questions about the Guerrilha do Araguaia and the impacts of this conflict in the city of Xambioá, in the northern region of the State of Tocantins. The objective is to present the importance of this theme for the inhabitants of the region of Xambioá – in particular public high school students – using the testimonial literature as a manifesto of resistance and fight against the erasure of the memory of the survivors of the years of “lead”, and taking these memories into account, we encourage reflection on the history of the city of Xambioá, promoting a perception of the historical moment of the Guerrilha do Araguaia years, which correspond to the 60s and 70s dominated by violence and silencing, as well as resistance from the guerrillas and other people who fought against the dictatorial regime in force at the time.

**Keywords:** Araguaia guerrilla; testimonial literature, memoirs.

**Recebido em 20 de agosto de 2023**

**Aprovado em 30 de dezembro de 2023.**

## 1. LITERATURA DE TESTEMUNHO

No curso da História da humanidade, foram registradas diversas ocasiões em que os fatos que se desenrolaram nas estruturas sociais mudaram significativamente o curso da trajetória humana, de maneira que as questões sociais são externalizadas por meio das produções literárias. Segundo Eric Hobsbawm em “era dos extremos” é possível perceber que as catástrofes do século XX, influenciaram diretamente e profundamente a produção intelectual e artística dos séculos seguintes.

Em uma primeira análise, podemos entender que a investigação testemunhal esteve ligada aos relatos das vítimas que sobreviveram às guerras, genocídios, exílios, perseguições políticas, ditaduras, logo, posicionando-se como uma forma de resistência aos poderes autoritários em suas variadas formas e manifestações. Dessa forma, a literatura de testemunho produzida referente a Guerrilha do Araguaia durante a Ditadura Militar no Brasil, constitui um acervo de obras atravessadas pela violência e pela repressão estatal dos anos de “chumbo”, marcando profundamente a região Norte do país.

Não obstante, quando se pensa na definição de direito, podemos pensar de acordo com a teoria da coercibilidade, "o direito é a ordenação coercível da conduta humana", ou seja, na teoria da coercibilidade, do direito civil brasileiro, o uso da força não é uma efetividade, apenas uma possibilidade, nesse sentido, a força do próprio Direito seria coerciva, potente o suficiente para que não fosse necessário o uso da força física ou violenta nas relações entre o povo e o Estado. Entretanto, traçando uma analogia da teoria do direito civil e a atuação do Estado durante a Ditadura Militar, podemos afirmar, que quando os militares tomaram o poder assumindo um governo de exceção, Direitos individuais e coletivos, como o direito à vida, foram totalmente ignorados e violados por meio de uma violenta coação.

Embora hoje políticos ligados aos partidos que arquitetaram torturas e atrocidades contra civis tentem negar seus crimes e tentam apagar a memória sobre a Ditadura no Brasil, até mesmo jogar toda a responsabilidade dos eventos ocorrido durante o governo de exceção, implantado por meio de um golpe de estado na década de sessenta, nos ombros da resistência armada que se levantou contra o governo golpista; as testemunhas, vítimas dos anos de “chumbo” resistem ao seu coagido silenciamentos.

Logo, todos os martírios vividos pelos civis durante o golpe de 1964 estão registrados pela escrita dos poucos letrados da época, ou pelos descendentes dos

sobreviventes, desaparecidos e mortos durante os conflitos urbanos e rurais arquitetados pelo governo militar e pelos partidos de oposição ao golpe.

Dessa forma, em um ato de resistência, as vozes das vítimas desse período ecoam nas histórias orais, nos poemas e nas músicas brasileiras, demonstrando assim o poder da literatura como mecanismo de preservação da História e da memória, mas, para além de uma ferramenta de perpetuação da memória, a literatura também é parte intrínseca de ligação do ser humano com a linguagem e o pensamento, sendo ainda elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo e social dos sujeitos em sua formação cidadã.

Nesse sentido, entendemos que a literatura no âmbito da educação básica, deve ser um Direito garantido a todos os alunos, pois é por meio da produção e leitura literária, que o ser humano encontra meios de perceber-se como “sujeito no desenvolvimento da linguagem, confrontando-se com perspectivas trazidas pela alteridade, o que redimensiona seu ser no mundo, para além de suas atribuições físicas ou psíquicas” (Santos, Biancato, Silva, 2023).

Ademais, é nas formas artísticas do nosso país que encontramos subsídios para a reflexão sobre as ideologias privilegiadas por cada contexto e por seus agentes e atores. Assim, na literatura de testemunho encontramos relatos e memórias dos sujeitos e de seu contexto. São esses relatos que atravessam toda a construção histórica do nosso país. Por esse motivo, temos o compromisso de expor para os nossos alunos a importância da literatura para a formação social, psíquica, reflexiva, filosófica e linguística. Assim, por meio da literatura, a formação básica poderá subsidiar a consciência dos diversos ângulos de uma mesma narrativa. Por meio dos gêneros literários, os alunos da educação básica poderão ter uma visão de alteridade a partir da análise das narrativas e dos seus personagens.

Muitas comunidades que foram afetadas direta ou indiretamente pela repressão estatal, preferem o silenciamento ao narrar o trauma vivido durante a movimentação militar na microrregião do Bico do Papagaio (situada no extremo-norte do Estado, a região é a área de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica). A cidade de Xambioá, município brasileiro do estado do Tocantins, é uma dessas comunidades. Entre os moradores locais, residem ainda hoje sobreviventes da ditadura; é na literatura de testemunho que essas vozes encontram uma forma de narrar o trauma individual e coletivo das vítimas do governo ditatorial.

A literatura de testemunho não possui uma caracterização de gênero muito precisa, pois suas produções são derivadas de diários, cartas, poemas e diversos documentos escritos durante conflitos bélicos ou catástrofes naturais. Os relatos desse gênero literário são produzidos por atores que vivenciaram de alguma forma os reflexos de catástrofes históricas; ainda temos dentro do gênero, romances escritos por sobreviventes e familiares de vítimas desses movimentos que marcaram de forma traumática seus atores; a exemplo, os movimentos ocorridos durante as duas grandes Guerras Mundiais. São esses atores que sentem a necessidade de narrar o que vivenciaram e o que testemunharam desses momentos sombrios da sua estória.

A literatura de testemunho, conceituada a partir dos relatos de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, se articula como tensão entre a necessidade de narrar a experiência da barbárie e a percepção da insuficiência da linguagem diante do horror redimensionando a relação entre literatura e realidade, salientando o caráter traumático de toda experiência e pondo em xeque a equação pós-moderna que transforma a história em ficção. (Seligmann-Silva, 1999, p. 40)

Assim, a narração das testemunhas se constitui enquanto forma de linguagem que evidencia “a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o real) com o verbal” (Seligmann-Silva, 1999). Logo, os atores que narram as experiências dos eventos ocorridos durante a ditadura, elaboram por meio da linguagem uma forma de enfrentar o real, valendo-se da imaginação, que de acordo com Seligmann-Silva, “só com a arte a intraduzibilidade pode ser desafiada mas nunca totalmente submetida” (1999). Assim, as pessoas mais simples e as minorias, mulheres, indígenas, camponeses entre outros agentes historicamente silenciados, conseguem (re)escrever e elaborar por meio da linguagem, o trauma causado por uma situação excepcional; como foi a Guerrilha do Araguaia para os moradores do Bico do Papagaio.

Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os laços da linguagem que tentavam encobrir o indizível que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço substituto nunca perfeito e satisfatório de uma falta, de uma ausência. [...] reflexo de uma fala ausente na escrita, o escândalo do silêncio deles [...]. (Seligmann-Silva, 1999, p. 43)

Logo, a literatura de testemunho produzido durante a Ditadura Militar, relata a resistência e a busca por liberdade nacional; em um período da história brasileira que ficou marcado pela extrema repressão e perseguição a qualquer forma de liberdade de expressão e oposição ao governo militar. No entanto, os testemunhos dos moradores do

Bico - possivelmente, devido a pouca alfabetização, ao abandono estatal à época do conflito, ou mesmo ao medo da extrema violência, ao trauma coletivo causado pelos conflitos armados na microrregião - ficaram restritos há poucos relatos escritos referente à Guerrilha do Araguaia, algumas cartas, contos, poemas e pouquíssimos romances sobre a época, ficando a memória do ocorrido registradas em maior proporção na história oral das cidades em torno do Bico do Papagaio, como é o caso da cidade de Xambioá.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Xambioá iniciou seu povoamento por volta de junho de 1952, após a descoberta de uma jazida de cristal de rocha quartzo na chapada do Chiqueirão, desse modo, por ser uma região estratégica, logo chamou a atenção das lideranças militares e elites ligadas a exploração mineral. Nesse sentido:

[...] no ano de 1881, o presidente da Província de Goiás e escritor, Dr. J. A. Leite Morais, navegando pelo rio Araguaia encontrou por aqui ruínas do antigo Presídio de Chambioás (eram colônias militares edificadas aos longos dos rios, mares e fronteiras no reinado de Dom Pedro II, para defesa das riquezas do território brasileiro), fundado em 1868, pelo escritor e general José Vieira Couto de Magalhães e pelo Frei Savino Remini (capelão militar). [...] Entre 1910 e 1917 o Coronel João Crisóstomo Moreira residiu aqui com sua família e diversos agregados.

([www.xambioa.to.gov.br/2cidade\\_historia.htm](http://www.xambioa.to.gov.br/2cidade_historia.htm))

De acordo com a História Oficial de Xambioá, foi por meio das lideranças do senhor Zé Toco, comprador de cristais e o comerciante Francisco Souza Oliveira, que em uma reunião que contava com a presença de alguns garimpeiros, no dia 26 de janeiro de 1953 houve a doação de 100 lotes para a construção de 66 barracos. Sendo esse movimento considerado como a data de fundação da cidade de Xambioá, onde dezenas de famílias tinham na agricultura de subsistência seu meio principal de alimentação e de vida.

Logo, poucas décadas depois do início do povoamento onde hoje encontra-se a cidade de Xambioá, que vivia sob extrema negligência estatal, violência, conflitos agrários e territoriais. Do mesmo modo, que concentrados em seus conflitos locais e sem acesso, ou com acesso precário às mídias da época (rádio, jornal, televisão), mal sabiam da situação política e ideológica que o Brasil enfrentava. Por isso, muitos inocentes foram perseguidos, desapareceram ou foram mortos, sendo os sobreviventes desses tempos de terror, as testemunhas do trauma vivido durante a Guerrilha do Araguaia.

A ditadura no Brasil operou [...], controlando a existência das pessoas em todos os âmbitos. A literatura, assim, busca, pelas vias da arte, trazer à tona esse período histórico, incredivelmente negado, ainda, por muitos brasileiros, em produções híbridas de história e ficção. (Santos, Biancato, Silva, 2023, p.141)

Assim, trazemos a cartilha dos pesquisadores do Grupo de Estudo de Sentido do Tocantins (GESTO) como material que dará subsídio para as discussões e atividades propostas para sala de aula do ensino médio com a temática Guerrilha do Araguaia, com foco em produzir material com os alunos do ensino médio da cidade de Xambioá, a fim de colher narrativas sobre a memória dos moradores da região referente a Guerrilha do Araguaia. Nesse sentido, trazemos a Literatura de Testemunho entendendo que:

Diferentes atores e documentos enfrentam a condenação do esquecimento, insistindo em narrar o que aconteceu num momento obscuro da história do país e da gente do lugar. Familiares de desaparecidos, vítimas diretamente impactadas por prisão e tortura, pela fome e perda de suas terras e plantações, pela perda de amigos e conhecidos continuam na linha de frente contra versões dos que negam a história, apagando seus registros e memória. (Silva e Melo, 2023, p.8)

Dessa forma, podemos demonstrar aos nossos alunos, que a história oficial, sempre omite as mazelas vivenciadas por esses narradores esquecidos. São agentes históricos que sofrem com o seu apagamento da História oficial, sendo esse mecanismo de eliminação da memória e conseqüentemente da identidade social de dada comunidade, um meio para que o povo viva em negação, alienação e silenciamento. Assim, o cidadão carente da proteção do Estado, vive conformado e preso em ideologias opressoras e excludentes.

Enquanto isso, além da situação de escassez e desamparo social, as minorias não têm suas vozes e vivências registradas em sites oficiais; ficando a critério de materiais que valorizem a literatura de testemunho e que possam registrar de alguma forma a memória do passado.

Da mesma forma, sendo um dos critérios da literatura de testemunho o compromisso de seu produtor com a verdade do que se passou; a literatura de testemunho caracteriza a vivência e a memória do seu narrador, cujo compromisso está em demonstrar a observação do espaço entre a linguagem e o real. As regiões que delimitam o espaço do Bico, trazem ainda hoje o trauma causado pela Guerrilha do Araguaia e a ação violenta dos militares com o povo local, perceber a importância da literatura de testemunho, possibilitará ao aluno produzir material desse gênero literário, ter uma prática de escrita e de letramento, trazendo as reflexões necessárias para que o aluno perceba que a

“educação nunca é neutra, ela sempre deve trazer uma consciência crítica” (FREIRE, 2011).

Embora seja perceptível que os currículos escolares, e mesmo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não privilegie a literatura como forma de expressão e de desenvolvimento humano, ficando os currículos escolares carentes de atividades que promovam a leitura e o prazer artísticos, estético, linguístico e simbólico, entendemos que atividades que promovam a valorização e o prazer pela leitura e pela escrita tem papel privilegiado na formação dos nossos alunos.

Por isso, objetivamos com essa proposta colaborar com o despertar de crianças e adolescentes pelo gosto da leitura como fruição, além de mobilizar formas para instigá-los a compreender as formas discursivas e como elas se constroem no texto, chegando à capacidade máxima de expressão de seu autor, privilegiando ainda, uma formação onde o conteúdo estará relacionado com as problemáticas locais dos alunos. Assim, almejamos a “concepção de leitura que preconiza que o sentido se constrói pelo sujeito que lê, para isso sendo capaz de apreender os modos e recursos que o autor (enunciador) mobiliza para dizer o que diz.” (Santos, Biancato, Silva, 2023, p.140)

Portanto, ao ter contato com a literatura de testemunho, produzida sobre a Ditadura Militar, a consequente mobilização de grupos militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) para o fluxo do rio Araguaia no contexto do Bico do Papagaio, que deu o contexto para a ocorrência da Guerrilha do Araguaia, os alunos poderão: compreender mais sobre o gênero; observar as nuances que envolve a comovente situação do Brasil durante o período da Ditadura Militar; pensar nessas lutas históricas dos marginalizados socialmente; observar o registro privilegiado pela História oficial; valorizar a memória individual e coletiva dos sujeitos históricos silenciados pelas forças militares e documentos oficiais e omitidos no livro didático; e desenvolver habilidades de escrita e oralidade, utilizando a literatura de testemunho como meio para não permitir o silenciamento e apagamento daqueles que não tiveram suas versões ditas pela história oficial; observando as versões sobre o ocorrido, do ponto de vista das testemunhas.

### **1.1 A Guerrilha do Araguaia**

A cartilha *Memórias e Histórias da Guerrilha do Araguaia*; traz em sua introdução, os relatos apresentando a importância do gênero de testemunho e a importância de registrar a memória dessas minorias para a posteridade. Assim, podemos

entender que a guerrilha do Araguaia está diretamente ligada com o golpe de 64 e a Ditadura Militar, visto como o:

Período político se convencionou denominar de ditadura civil-militar, porque tanto grupos da sociedade civil quanto das forças militares foram responsáveis pela gestação de um golpe contra o Estado democrático de direito. Nessa perspectiva, realçamos a responsabilidade das instâncias golpistas civis e militares pela quebra do período democrático tutelando o Brasil, a posteriori, por 21 anos ininterruptos, sob o infortúnio de uma cruel ditadura que perduraria oficialmente de 1964 a 1985, quando, por uma eleição indireta, tivemos novamente um presidente civil. (Figueiredo, 2023, p.9)

Esses movimentos políticos, sofreram influência direta da Segunda Guerra Mundial, e da bipolarização do mundo. Sendo o Brasil fortemente influenciado pelas tendências capitalistas dos Estados Unidos, iniciou-se uma severa e violenta perseguição aos civis, que fossem contrários ao governo golpista, sendo intitulados como terroristas ou comunistas. Ademais, o governo foi implantando diversos Atos Institucionais (AI) que faziam o movimento contrário à Constituição vigente à época. Dessa forma, o AI-5 de 13 de dezembro de 1968, ficou marcado por ser uma das fases mais obscuras da história brasileira, período mais severo da ditadura, quando foi instituído a tortura, sequestros, assassinatos de oponentes políticos, além da pena de morte sem direito a julgamento ou processo legal.

Diante desse cenário, diversos grupos se mobilizaram para pôr fim à situação repressora que o país estava vivendo. Assim, os registros históricos evidenciam alguns grupos que marcaram fortemente a oposição à Ditadura, que:

[...] sentença desferida a esses oponentes que resistiam era a prisão, eliminação ou banimento político via exílio. Não havia diálogo e, portanto, sobravam poucas brechas legais para o exercício político no campo democrático. [...] Foi nessa situação anômala e não democrática que o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) tentou implementar uma guerrilha rural na região que compreende o extremo norte do então estado de Goiás (Bico do Papagaio), sudeste do Pará, sul do Maranhão. A inspiração vinha de movimento equivalente ocorrido na China de Mao Tsé Tung e surgia como possibilidade frente ao fracasso da luta nas grandes cidades, pela guerrilha urbana. (Figueiredo, 2023, p.10)

Conforme o exposto, os primeiros militantes, inspirados pelos movimentos de guerrilha chinesa, deslocaram-se no final de 1960 para a região do Bico do Papagaio no Tocantins e sudeste do Pará. Esses militantes tinham como estratégia o diálogo efetivo com as comunidades da região, desenvolvendo um trabalho político nessas localidades. Para tal projeto ser efetivado, os opositores da Ditadura se misturaram com a comunidade

do local, “viviam como lavradores, assim como os demais camponeses, ainda que não abandonassem sua profissão de origem (medicina, enfermagem, docência, conhecimentos geográficos etc.)”. (Figueiredo, 2023)

Mas por que o Bico do Papagaio? O que de especial tinha na região norte, que chamou a atenção dos opositores do governo ditador? Segundo os autores da cartilha, a região norte sofria com o esquecimento do poder público e o descaso do Estado brasileiro, deixando parcela significativa do povo brasileiro à margem dos grandes centros, em extrema pobreza, miséria e analfabetismo; sofrendo ainda, com a exploração mineradora, conflitos agrários e latifundiários, além de disputas territoriais envolvendo as terras indígenas.

Registra-se, ainda, que era uma paisagem natural para a empreitada de uma guerrilha rural, pois com a mata fechada e com os exercícios de treinamento dos militantes na selva amazônica, tornava-se um lugar de fácil trânsito para um exército guerrilheiro bem treinado. Partia-se do pressuposto de que as forças armadas não possuíam treinamento efetivo no espaço onde estava sendo preparado o terreno principal da empreitada de luta. (Figueiredo, 2023, p.11)

Entretanto, não demorou muito a inteligência militar descobrir os planos dos grupos aliados ao PCdoB. A princípio, esses opositores à ditadura, se aproximaram dos camponeses, inicialmente por gestos de solidariedade e atendimento à comunidade local, sem nenhum discurso propriamente político, porém trabalhando com a terra e auxiliando os camponeses com algumas necessidades básicas. Entretanto, não houve tempo de implementar nenhuma ação política do PCdoB na região, pois logo os militares chegaram implantando medidas repressoras.

Foi a partir da descoberta dos planos dos opositores da ditadura que o exército brasileiro começou a se deslocar para a região Norte, e iniciou uma série de medidas nessas áreas.

No mês de abril de 1972, após investigações, as forças militares chegaram à região desferindo sentenças de prisões, seguidas por torturas e outras atrocidades. Já de imediato começam a ocorrer as primeiras prisões dos guerrilheiros, pequenos comerciantes, camponeses até que, em 1974, foram assassinados os últimos guerrilheiros. Por fim, uma última operação militar, a Operação Limpeza, em 1975, buscou eliminar os rastros do que houve no local. [...] Para eliminar qualquer solidariedade da população local aos militantes do PCdoB, os militares os chamavam de terroristas, agentes que ameaçavam o país. Foram ainda realizadas operações pelo Exército como as Ações Cívico-Sociais (ACISO), com práticas assistencialistas para evidenciar a boa-fé dos representantes do governo: vacinação contra febre amarela, emissão de documentos como Carteira de Identidade e certidões de nascimento e casamento, por exemplo. (Figueiredo, 2023, p.11 e 12)

Dessa forma, adotando como estratégia práticas assistencialistas, o exército brasileiro, buscou conquistar as comunidades locais para que estes entregassem os guerrilheiros. No entanto, os camponeses se recusaram a delatar os militantes, mesmo tendo suas vidas e a de seus familiares em risco com tal recusa, porém a maioria dos camponeses nem sabiam o que realmente estava acontecendo com a política do país; como dito anteriormente, essa região era bastante isolada e abandonada pelo Estado, sua população, em maioria, eram camponeses analfabetos, ou de pouca instrução escolar e com pouco ou nenhum acesso às mídias da época.

Contudo, diante do fracasso da primeira operação de 1972, os militares adotaram outras estratégias, para eliminar os partidários do PCdoB, que segundo Figueiredo (2023, p. 12 e 13) foram as seguintes:

- tornaram a região como área de conflito: assim ninguém poderia entrar ou sair sem ter a permissão de militares;
- convocaram sob ameaça, os moradores locais para trabalhar como batedores na mata, isto é, intimaram sob coação os camponeses a trabalhar como mateiros na localização de guerrilheiros;
- queimaram roça, plantação e moradia dos guerrilheiros, com vista a extirpar sua alimentação;
- proibiram sob ameaça de prisão e tortura qualquer contato da população local com os guerrilheiros;
- arrasaram com a plantação da população local, para evitar qualquer auxílio na sobrevivência dos militantes;
- desferiram a sentença fatal de aniquilação física aos guerrilheiros capturados, com o desaparecimento político.

E com essas medidas, todos os moradores viveram uma fase de extrema precariedade e violência prolatada pelo Estado ditatorial. Mulheres, crianças, indígenas, camponeses, envolvidos ou não com os guerrilheiros foram aprisionados, humilhados, violentados e torturados; vivenciaram toda a crueldade possível proferida pelo exército em busca dos opositores do governo golpista. É sob essas circunstâncias, que milhares de vítimas do governo ditatorial se expressam na literatura de testemunho.

Os registros e relatórios dessas operações foram destruídos pelo governo, a fim de apagar as atrocidades cometidas pelo Estado durante o governo golpista. No entanto, as

marcas dos massacres ficaram na memória de todas as comunidades que foram envolvidas na Guerrilha do Araguaia. Milhares de mortes e desaparecimentos, homens, mulheres e crianças, simplesmente apagadas da história, arrancadas de suas famílias pelo governo ditador, que não faziam distinção entre opositores e cidadãos.

## **2. A Guerrilha do Araguaia e sua ligação com a cidade de Xambioá**

A cidade de Xambioá atualmente pertencente ao estado do Tocantins, foi nos anos finais do século XX um espaço que sofreu grandes transformações operadas pelo regime ditatorial. Nesse sentido, os atos institucionais (AI) vigentes, implantados pelo governo de 1964 no Brasil, provocaram a mobilização de grupos de oposição, causando grandes revoltas por parte de civis e de grupos guerrilheiros, estes encorajando combate ao governo golpista. Dessa forma, boa parte dos militantes alojaram-se na cidade de Xambioá, arquitetando planejamentos de combate por guerrilhas contra os militares a serviço do governo.

Às margens do rio Araguaia os guerrilheiros planejavam realizar a conscientização dos moradores daquela região quanto ao cenário político da época e estimular ao movimento guerrilheiro. O confronto entre os militares e os habitantes de Xambioá (camponeses e guerrilheiros) ocasionou bastantes prejuízos ao pequeno aglomerado de camponeses e mineiros na recém formada cidade de Xambioá. Sob ordem do governo, os militares alojaram-se naquela região e iniciou a perseguição contra os opositores do regime ditatorial, mesmo os indivíduos que não faziam parte do movimento foram perseguidos, não poderiam manter contato com qualquer um externo ao espaço isolado pelos militares, nem mesmo familiares ou amigos, e esses episódios são relatados por muitos moradores das regiões do Bico. Os moradores tiveram suas terras e vidas destruídas.

Portanto, podemos perceber que ainda hoje muitas das ações cometidas pelos militares da época ficaram impunes, famílias dos desaparecidos, até os dias atuais busca por justiça e por reparação do Estado diante do que foi cometido pelos militares na micro região do Bico do Papagaio, no estado do Tocantins. A partir desses dados históricos, podemos agora, observar como a literatura de testemunho registrou a história dos camponeses e das comunidades afetadas pelas ações dos ditadores.

### 3. Proposta Didática

#### Tema: Guerrilha do Araguaia

Nessa proposta didática, faremos uma análise e reflexão sobre a Guerrilha do Araguaia no contexto da região do Bico do Papagaio, mais especificamente na cidade de Xambioá. Dessa maneira, buscamos utilizar a cartilha produzida pelo Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins (GESTO). O projeto aborda questões acerca da Guerrilha do Araguaia e os impactos desse conflito na região norte do Estado do Tocantins. Assim, para a promoção de resultados pedagógicos, a cartilha *Memórias e Histórias da Guerrilha do Araguaia (2023)* será utilizado como material didático para idealizar essa proposta didática e pedagógica.

Essa proposta é um trabalho nascido da necessidade de se debruçar sobre questões do Brasil, e sobre questões locais da cidade de Xambioá. Ao mesmo tempo realizar um mergulho de profundidade nas criações artística e literária da região, e ainda as temáticas implicadas nas contradições políticas e sociais do nosso país. Sendo a cidade de Xambioá um dos espaços utilizados para as ações de guerrilheiros e militares durante os anos da Ditadura no Brasil, como dito anteriormente, muitos dos seus moradores possuem recordações desse período, esses sobreviventes, testemunham ainda hoje, de forma oral e escrita o que vivenciaram durante os anos de perseguição e tortura promovidas pelo Estado.

Ao pesquisar sobre a Ditadura Civil Militar do Brasil, o movimento mais recente de reparação as violações ocorridas durante a guerrilha estão relacionadas a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), criado pela Lei 12.528/2011, instituída em 16 de maio de 2012. A CNV, surge como política de reparação, contra os graves crimes e violações aos Direitos Humanos cometidos pelo Estado brasileiro. Sobre os desaparecidos daquele regime, encontramos diversos relatos de atores que vivenciaram, sobreviveram ou morreram na Guerrilha do Araguaia. Por meio da literatura de testemunho em sala de aula, podemos recuperar a memória dos desaparecidos, ou mesmo os corações e espíritos revolucionários das vítimas e sobreviventes, que são transpostos para a escrita testemunhal.

A cartilha, que será utilizada como fonte de análise das aulas, está atravessada pelas formas biográfica, mas também poética e reflexiva, sobre o que as comunidades da região do Bico do papagaio vivenciavam nos anos 60 e 70. A intervenção militar em Xambioá fez com que seus moradores deixassem seus afazeres cotidianos para lutarem

por ideais de uma nação com a qual sonhavam, empunhando armas e sofrendo todo tipo de violência e privação, que a década do ocorrido, era uma região que estava quase inóspita no país. Muitas dessas vítimas sobrevivem ainda hoje, porém, muitos não gostam de relembra-los, e outros não querem falar por medo de sofrer represálias de militares que ainda monitoram essas localidades.

Nessas experiências, devido seu caráter traumático, tornou-se, por vezes, tarefa perturbadora pôr em palavras aquilo que se torna indizível por suas vítimas. O testemunho surge como um objeto estético de recriação do mundo em volta. A partir dessa perspectiva, pensando nas competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, o ensino e a apreciação estética da literatura de testemunho na aprendizagem, poderá desenvolver a pesquisa no ambiente local e regional dos alunos, desenvolvendo o fazer artístico, a percepções e compreensões do mundo em volta, ampliando o âmbito da sensibilidade e se interconectando com a historicidade local e suas conjunturas linguísticas, em uma perspectiva poética em relação à vida. Essa análise dos sujeitos dos discursos testemunhais, permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. Nesse sentido, entendemos que:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais. (Brasil, 2018, p.470)

Assim, pensando a partir dos pressupostos da BNCC, e das relações entre os objetos estéticos e semióticos embasando a análise literária, a leitura desse gênero não pode ser entendida como uma instância abstrata e universal simplesmente, mas deve ser, compreendida como entende Bertrand (2003): sendo o centro do discurso, que constroem, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita as significações; o que possibilita ao educando compreender assim, as instâncias tensivas entre literatura e cultura e literatura e língua.

Contudo, não ignoramos que o maior desafio dos professores na atualidade, é fazer com que os nossos alunos aprendam as mais diversas formas de letramento, letramento literário, letramento matemático, letramento científico, entre outros; e que eles adquiram gosto e prazer na leitura e na reflexão ativa dos gêneros literários; ou que eles aprendam

a mobilizar competências e habilidades de escrita e de criação criativa. Para que isso possa acontecer, o professor deve diversificar a sua aula e ter um bom planejamento estratégico, pensando na realidade de seu alunado e traçando objetivos a serem alcançados pelo planejamento, avaliando e diagnosticando pontos fortes e fracos das estratégias adotadas até então.

Nesse sentido, para Vasconcellos (2000) o planejamento deve ser compreendido como um instrumento capaz de intervir em uma situação real para transformá-la, é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional que tem por finalidade fazer algo vir à tona, fazer acontecer. Para isso, é necessário estabelecer as condições materiais, bem como a disposição interior, provendo o desenvolvimento da ação do tempo e no espaço. Nesse aspecto, essa proposta didática terá como ponto de partida a apreciação e a análise da cartilha e as literaturas de testemunho presentes em seu conteúdo.

Desse modo, entendemos que o plano de aula é um instrumento básico para a atividade didático-pedagógica, necessário à execução da atividade docente no cotidiano escolar, (Oliveira, 2011). Assim, para que o planejamento de aula se torne um instrumento que garanta a aprendizagem dos nossos alunos é preciso uma metodologia ativa, que promova a atividade participativa. Sob essa ótica, com foco nos alunos do Ensino Médio, na aula introdutória, é importante situarmos didaticamente os alunos a respeito da Guerrilha do Araguaia em seu contexto e espaço.

### **Objetivo:**

Para o bom desenvolvimento de uma proposta didática, é interessante desenvolver parcerias, fazer parceria com o professor de História ao ministrar uma proposta que para ser eficaz necessita de um contexto histórico é algo que pode ser proveitoso e apreciado. dessa maneira, o professor de História poderá pautar em uma ou duas aulas o que foi a Ditadura Militar, sua relação com a Segunda Guerra Mundial, e situar o aluno da cidade de Xambioá nos reflexos desses movimentos, no que ocorreu entre os Estados do Pará e Tocantins, e na Floresta Amazônica entre abril de 1972 e janeiro de 1975.

Dessa forma, a Guerrilha do Araguaia, um dos mais importantes e violentos conflitos armados da Ditadura brasileira, fará sentido para o aluno, mas, mais do que isso, colocará o aluno em contato direto com a perspectiva dos atores históricos. Podendo, a

partir das informações iniciais, observar a relação entre História e Linguagem, promovendo ações interdisciplinares na prática escolar.

Os objetivos educacionais são uma exigência indispensáveis para o trabalho docente, requerendo um posicionamento ativo do professor em sua explicação, seja no planejamento escolar seja no desenvolvimento das aulas (Libâneo, 2013). Dessa forma, devemos conscientizar os educandos que “mergulhar na Guerrilha do Araguaia significa reconhecer o histórico das militâncias brasileiras, das lutas que constituem uma resistência às questões históricas de nosso país.” (Silva e Melo) .

Logo, alunos e professores poderão discutir os processos de resistência a políticas autoritárias e as propostas de reorganização da sociedade brasileira feitas sem a participação ativa dos cidadãos, durante a Ditadura civil-militar e relacioná-los com os movimentos autoritários e discriminatórios que se levantam hodiernamente.

### **Recursos didáticos:**

Os recursos didáticos nada mais são do que as ferramentas que o professor utilizará durante todo o ano letivo e pode, muitas vezes, precisar de algumas alterações ou novos utensílios que servirão para o aprimoramento das atividades e aulas realizadas na escola. Dessa forma, os recursos didáticos podem ser utilizados em diversos momentos, cursos, aplicações, formatos diferenciados e são peça chave para o incentivo ao desenvolvimento de quem recebe esse estímulo.

Estes são alguns dos recursos materiais que ajudam muito na didática de acordo com o plano de ensino proposto pelo professor. O restante fica por conta da criatividade do profissional docente, que mesmo tendo uma infinidade de recursos pode não os utilizar corretamente, atrapalhando assim o entendimento da matéria pelos alunos, ao invés de aperfeiçoá-los. Assim, propomos os seguintes recursos, pensando na realidade das escolas da educação básica da cidade de Xambioá.

- Quadro Negro, ou branco / Giz, ou canetão / Apagador;
- Jornais, cartazes, revistas e livros;
- Textos manuais;
- Aparelho de Som
- Aparelho celular

- Filmadora (caso necessite realizar algumas gravações)
- Máquina Fotográfica
- Computador
- Projetor de imagem e vídeo para exposições orais dos alunos

Assim, podemos utilizar inúmeros instrumentos didáticos, conforme o planejamento e o objetivo da proposta. Nesse caso específico, utilizaremos a cartilha, pois possui diversos recortes de revistas, filmes, links e QR code de documentários e artigos publicados a respeito da Guerrilha do Araguaia, onde poderemos mobilizar vários aspectos cognitivos em nossos educandos e a possibilidade de novas pesquisas realizada por eles, para que possam atuar de forma ativa e participativa.

Também podemos explorar inúmeros autores como Walter Benjamin, Eric Hobsbawm, Hannah Arendt, Albertina de Oliveira Costa, entre outros autores que trabalham com a Literatura de Testemunho, para complementar de forma acadêmica, os estudos dos alunos voltados ao tema.

### **Metodologia a ser aplicada**

Com os fundamentos de estudos já mencionados, iniciaremos com uma metodologia ativa, como estratégia de ensino baseada na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interdisciplinar, interligada e híbrida. Assim, buscaremos ter o aluno como o protagonista. Ao se envolver de forma direta, participativa e reflexiva em todas as etapas do processo, com envolvimento do tema proposto o aluno irá interagir com o mundo e mobilizar conhecimentos que interajam com seu contexto e espaço, possivelmente, alterando aspectos como relações políticas, econômicas e sociais.

Aqui, quando falamos em metodologias, nos referimos às diretrizes que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem. Elas formam um conjunto de estratégias, abordagens e técnicas específicas. Uma vez que, entendemos que o foco maior deve ser o texto literário, para a promoção e incentivo ao letramento literário, bem como o entendimento do aluno referente ao gênero proposto iniciaremos com a leitura guiada de um conto.

Por meio da leitura do conto Osvaldão - parte I, de JJ Leandro pseudônimo de José Leandro Bezerra Junior, escritor tocantinense que à época da Guerrilha do Araguaia era uma criança, mas recorda-se da movimentação na cidade de Araguaína, para onde

eram levados os presos políticos da época. Assim, o escritor relata sobre as histórias que circundam a região, e que relataram como os guerrilheiros e seus feitos “fantásticos” venciam a mata e envergonhavam os militares fortemente armados, presentes na página 68 da cartilha.

Após a leitura do conto, será feita uma roda de conversa, onde os alunos irão mobilizar seus conhecimentos adquiridos e o seu conhecimento de mundo, observando o conto e o que o caracteriza como literatura de testemunho. Nessa fase o professor deve observar atentamente as discussões levantadas e preferencialmente fazer anotações para que possa usar para acrescentar ou mediar o que foi construído durante a roda de conversa após a leitura do conto, nessa fase a intenção é deixar os alunos livres para tirarem suas próprias conclusões a partir do conto, se necessário ler novamente.

Ademais, serão lidos e discutidos ainda, o poema Serra das Andorinhas (2019) de Bertin di Carmelita, presente na página 29 da cartilha. O professor poderá solicitar ao aluno que escaneie o Qr code com o celular, para que juntos possam ouvir a música originada do poema. Os momentos de leitura preferencialmente devem ser feitos em voz alta, depois de uma primeira leitura a segunda poderá ser feita silenciosamente.

Na segunda aula, o professor poderá solicitar uma leitura do capítulo intitulado *Mulheres no Araguaia*, escrito pela pesquisadora Naiane Vieira dos Reis Silva, essa leitura pode levar um pouco mais de tempo, mas em duas aulas poderá ser concluída. Após a leitura do capítulo em questão, os alunos irão expor suas percepções sobre a leitura, poderão expor seus relatos, podendo ainda o professor, fazer perguntas sobre as questões pontuadas pela autora. A intenção é que essas aulas sejam mais prazerosas, e que os alunos não sintam a pressão de uma prova ou a monotonia de uma aula desgastante. Destaque no texto aspectos que entrem em contato com a realidade local e com a vivência deles, como as fotografias utilizadas pela autora. Ao final da aula de leitura e discussão, peça que os alunos respondam no caderno suas respostas aos questionamentos feitos por Silva (2023), esse será o momento individual deles.

Ademais, entendemos que a aprendizagem por meio das metodologias ativas acontece atravessada por 3 movimentos híbridos:

**Construção individual:** o estudante escolhe e percorre, parcialmente, seu caminho de aprendizagem;

**Construção grupal:** a aprendizagem do estudante é ampliada com a ajuda de diferentes formas de envolvimento, interação e compartilhamento de conhecimento com os pares, em diferentes grupos;

**Construção tutorial:** o estudante aprende com pessoas mais experientes em diferentes campos e atividades. Esse tutor não necessariamente é o professor, pode ser um colega ou um representante da comunidade escolar.

Desse modo, após a explicação teórica didática sobre a literatura de testemunho, a utilização do gênero durante a ditadura civil-militar brasileira e a leitura do conto de uma das testemunhas, o movimento das mulheres e de camponeses nas mobilizações da região durante a Guerrilha do Araguaia; o professor irá solicitar dos alunos que eles façam entrevistas com seus pais, avós ou vizinhos idosos. Preferencialmente o questionário deve ser elaborado junto com o professor, ou o professor deve orientar como se desenvolve uma entrevista, de maneira que não ofenda a dignidade da pessoa humana, e que o entrevistado tenha segurança e tranquilidade para falar.

Por conseguinte, o professor deverá fazer um círculo na sala, e observar as experiências dos alunos com a atividade proposta. As entrevistas devem colher informações que possam dar origem a novas literaturas de testemunho, essas questões ficam a critério da criatividade dos alunos e professores. Dessa maneira, alunos do ensino médio poderão relatar o que foi questionado e quais os relatos colhidos por eles durante a entrevista, comportamentos observados, e o que mais eles entenderem com interessante relatar.

Assim, após esse primeiro momento, os alunos irão fazer um conto, ou uma crônica até mesmo um poema com o tema: Guerrilha do Araguaia, utilizando os dados colhidos durante a entrevista que eles fizeram em sua comunidade, atuando como narrador solidário, que segundo Silva (2023) é aquele que promove o exercício de escuta e registros atentos das narrativas de quem precisa contar o que viveu. Nessa etapa, os alunos devem saber a estrutura básica de um conto, para que possam mostrar no conto o que compreenderam sobre o testemunho de seus entrevistados.

Ademais, com os benefícios das metodologias ativas em sala de aula, esperamos que nossos estudantes possam desenvolver as habilidades cognitivas de:

- Maior envolvimento do estudante nas aulas e atividades;

- Desenvolvimento da autonomia do estudante;
- Aprofundamento do senso crítico;
- Maior colaboração e fortalecimento de vínculos com os colegas;
- Desenvolvimento de senso de responsabilidade;
- Estímulo ao desenvolvimento das habilidades sociocomportamentais, como comunicação, proatividade, assertividade e empatia.

Nesse mesmo sentido, os temas trabalhados, os questionamentos expostos, o produto final dessa proposta didática serão apresentados oralmente, seus contos, poesias ou crônicas, evidenciando assim suas perspectivas e conceitos. Após os estudos acerca do tema, os alunos poderão levantar hipóteses e questionamentos, nesses questionamentos poderão citar, local, datas, autores, os envolvidos, quem teve maior impacto socialmente; também podemos utilizar, aulas expositivas-explicativas explorando com a turma o tema mais a fundo. Assim, a proposta visa a apreensão de que a literatura de testemunho é um gênero vivo, proposto para elaborar narrativas que trazem não só o prazer da leitura e da escrita, mas também promova a conexão e a valorização do aluno com a memória e a história de sua comunidade.

### **Avaliação**

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Nesse sentido, os pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos estamos comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem, que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas.

A avaliação nesse sentido será realizada pela observação da participação do aluno, interação com as atividades propostas, envolvimento do discente, respeito aos direitos humanos e aos princípios constitucionais, bem como a entrega das atividades propostas.

Portanto, os discentes terão que perceber suas próprias capacidades de aprendizagens no decorrer do processo; com isso, inúmeras percepções e vantagens do aprender-fazer em seus estudos serão privilegiados. Pois, a avaliação implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico; em primeiro lugar vem o processo de diagnosticar, o ato de avaliar, é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar

passo a passo o processo de ensino e aprendizagem, a fim da obtenção do melhor resultado possível.

### **Considerações Finais**

Todo o desenvolvimento dessa proposta, visa desenvolver uma percepção de repertório cultural e artístico por parte dos alunos e professores da cidade de Xambioá, com a finalidade de auxiliá-los na construção e percepção sensível, individual e coletiva de estruturas argumentativas, linguísticas e culturais com base na historicidade local. Toda essa dinâmica, se desenvolve com base na intencionalidade de promover as competências e habilidades instituídas no documento normativo BNCC, em que o aluno consiga identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

Portanto, ao entrar em contato com a leitura dos textos produzidos por pesquisadores locais, preocupados com a preservação da memória e da historicidade dos moradores da região do Bico do papagaio, que desenvolveram um material que valoriza os processos constitutivos da comunidade de Xambioá e entorno, poderemos realizar um movimento de valorização da leitura literária, da expressão e atuação ativa dos alunos em processos criativos e poéticos “que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticas, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas”(Brasil, 2018).

### **Referências**

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense, São Paulo, 1996.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003, 442p.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura Para Que?*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX(1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. Cia. das Letras, São Paulo, 2010.

LIBÂNEO, J.C. *Didática*. Cortez, 2ª ed. São Paulo, 2013.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da.; MELO, Marcio Araujo de.(Org.). *Memórias e histórias da Guerrilha do Araguaia*. Le Coq editora, 2023.

SANTOS, Vilson P. Dos; BIANCATO, Adriana Aparecida; SILVA, Luiza Helena O. Da. *Juventude no Exílio: literatura juvenil brasileira decolonial - a Ditadura Militar no Brasil em Meninos sem Pátria (1981), de Luiz Puntel*. A cor das Letras. v.24, n.esp., p.139-155, UEFS, Feira de Santana, julho de 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org) *História, Memória e Literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Dossiê Literatura de Testemunho*. Cult. v.11, junho de 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo-SP, v.30, p. 71-98, jun. 2005.

VALDIVIA, A. M. I. *Aprendizagem Estratégica e desenvolvimento Profissional- Material impresso-* Funiber, 2017

VASCONCELLOS, Celso dos S: *Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e. Projeto Político-Pedagógico*. Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.